

VIAGEM PELO TEMPO 2

Retomando anotações sobre a viagem a Portugal. O Mosteiro dos Jerônimos conhecia só por fora, de outra viagem. Desta vez, fomos conhecer o interior e realmente vale a pena. Os detalhes da arquitetura são magníficos. Construído a mando de Dom Manuel I no início do século XVI logo após o “descobrimento” do Brasil, sua construção prolongou-se por uma centena de anos, sendo transformado em patrimônio da humanidade desde 1983.

Do outro lado da rua está o centro cultural do Belém que abriga a coleção de arte Berardo, a maior do país, projeto do arquiteto português Manuel Salgado e do arquiteto italiano Vittorio Gregotti, autor do estádio olímpico de Barcelona e outros grandes projetos de campi universitários na Europa. Escolhido num concurso internacional, começou a ser construído em 1988 e foi inaugurado em 1992. De cinco módulos apresentados no projeto, foram construídos três: o Centro de Reuniões, o Centro de Espetáculos e o Centro de Exposições. Abriga teatro, auditórios, cafés, restaurantes, lojas e espaços expositivos, é um dos principais espaços culturais da cidade. A espetacular coleção de arte, de propriedade do milionário José Manuel Berardo cedida em comodato ao governo é uma das maiores da Europa, só tem grandes nomes da arte moderna e contemporânea, merece uma visita de horas.

Já as carruagens cheias de salamaleques que preenchem o Museu dos Coches projetado por Paulo Mendes da Rocha, o nosso principal arquiteto hoje, oriundas das realezas que exploravam o povo não me atraíram tanto quanto a obra em si. O rigor estético e estrutural da solução encontrada por Mendes da Rocha na concepção do edifício são de uma beleza singular. A passarela que concluirá o projeto ligando o museu às margens do Tejo está em fase final e faz jus ao edifício. O mesmo não digo do MAAT, museu de arte e tecnologia que inclui o reaproveitamento de um prédio antigo industrial, de tijolos avermelhados, anexo a um edifício enclausurado numa casca toda retorcida defronte o rio Tejo, que pode ser acessado em seu topo para olhar a paisagem, é o que tem de melhor, o restante achei meio forçado, um exercício computacional de forma pela forma.

Outro espaço cultural que visitamos foi o museu da Fundação Calouste Gulbekian, exemplo de integração entre arquitetura e artes, um Inhotim em escala urbana. Gulbekian foi um milionário que enriqueceu com o petróleo do Oriente Médio e acabou deixando um legado para o país, suas coleções de arte. O projeto do edifício que abriga a Coleção Moderna é do arquiteto Sir Leslie Martin (1983), sendo considerada a mais completa coleção de arte moderna portuguesa. Este acervo reúne ainda um importante núcleo de arte britânica do século XX. De Amadeo de Souza-Cardoso a Paula Rego ou Vieira da Silva, a Coleção Moderna mostra alguns dos artistas portugueses mais conceituados. Já a Coleção do Fundador tem mais de mil peças divididas por núcleos de Arte Egípcia, Greco-Romana e outras. Valeu a pena conhecer, tanto que almoçamos lá, geralmente restaurantes de museus nunca são recomendados por caros e ruins, mas não foi o caso.

Já o Museu Nacional dos Azulejos é espantoso pela dimensão e pelo que está exposto, são centenas de anos de arte cerâmica portuguesa, com explicações didáticas e imagens impressionantes. Está instalado no antigo Convento da Madre de Deus, fundado em 1509 pela

rainha D. Leonor e fica a meio caminho da região que queria conhecer desde que meu amigo e arquiteto Ozório Calil visitou anos atrás, a da Expo-98. Região que abrigava velhas instalações fabris, foi totalmente reurbanizada para se tornar palco de um impressionante conjunto de obras para abrigar a Exposição Internacional de Lisboa de 1998, com o propósito de comemorar os 500 anos dos Descobrimientos Portugueses.

O centro comercial Vasco da Gama, bem defronte a estação de trens Oriente, um espetacular projeto do arquiteto e engenheiro espanhol Santiago Calatrava, são uma pequena mostra do que estava por vir. A estação é mesmo extraordinária, a integração com o terminal de ônibus, as soluções estruturais majestosas, mesmo que os pombos tenham descoberto como se acomodar no espaço. Andamos bastante a pé e depois fizemos um sobrevôo com o teleférico sobre o conjunto, para ter uma ideia melhor da dimensão e formas dos espaços onde circulamos, realmente marcantes. (Continua)

Mauro Ferreira é arquiteto